



# O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO: CARICATURISTA SILVA E SOUZA

DIRECTOR E PROPRIETARIO  
ESTEVÃO DE CARVALHO  
SECRETARIO DA REDACÇÃO  
JULIO DUMONT (ORLANDO)  
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHOGRAPHADO  
LITH SALLES

REDACÇÃO  
E  
ADMINISTRAÇÃO  
R. DA ATALAIA 1228  
LISBOA

ASSIGNATURAS  
ANNO ..... 2000 REIS  
SIS MEZES ..... 500  
TRES MEZES ..... 300  
NUMERO AVULSO 20 REIS  
ANUNCIOS: PREÇO CONVENIONAL

Administrador  
ALVARO DE SOUZA  
N.º 96

TERÇA-FEIRA, 28 DE DEZEMBRO DE 1909

## Bôas-Festas



O XUÃO cá vae indo na grande rapioca e espera ao iniciar o 3.º anno, apresentar ao seu bom amigo O ZÉ uma grande surpresa. Quem tiver inveja que se arranhe...



# CHRONICA

## A RENUNCIA DO SR. VILHENA

E O

### Partido Republicano

A renuncia do sr. Julio de Vilhena é um acto que nobilita s. ex.<sup>a</sup> e vem, mais uma vez, demonstrar que o regimen faz com que os seus homens o abandonem, desgostosos da maneira como elle os trata. E' uma consequencia do monopolio politico, posto em pratica pelo sr. José Luciano. E, a continuar assim esse monopolio, é natural que o sr. José Luciano se veja sósinho, encarrapitado no throno dos Navegantes, a dirigir os destinos da Patria, de parceria com o sr. D. Manuel.

Nós rimo-nos, muitas vezes, do ardente desejo do sr. Vilhena, de formar gabinete. A verdade é que nós não tinhamos razão. A verdade é que o sr. Vilhena, chefe de partido, tinha o direito d'aspirar á governação publica, pois que para outra coisa não era politico.

A modestia — disse-o Nordau — é uma tolice. Conan Doyle, que nós tão bem conhecemos, disse o mesmo. E disseram muito bem. Os homens publicos, principalmente, não devem ser modestos. Porque são elles homens publicos? Porque intendem que estão á altura de dirigir a nação.

O sr. Julio de Vilhena intendeu que estava á altura de dirigir a nação. Tinha tanto o direito de o imaginar, como o sr. José Luciano, como o sr. José d'Alpoim ou qualquer outro chefe de partido. Um politico não deve conservar-se no platonismo sociologico de fazer discursos e escrever artigos. A alturas tantas, deve ser governo, e, se o não deixarem ser, deve sentir-se pouco satisfeito com isso.

O sr. Vilhena estava mais do que pouco satisfeito, estava indignado e — dizem as pessoas que percebem d'essa regedoria do constitucionalismo — com certa razão. A formula azul e branca mandava que o sr. Vilhena *alcatrusasse* e, visto que o não deixaram *alcatrusar* opportunamente, o sr. Vilhena melindrou se.

\*

Mas deixemos as razões por que o sr. Vilhena fez o que fez e olhemos, com olhos de terrôr e os cabellos em pé, para o seguinte facto:

O sr. Julio de Vilhena não é um caso isolado. Muitos monarchicos teem abandonado a monarchia, se bem que nenhum d'elles n'aquella posição. Affastam-se, como o sr. Fuschini.

Já não quero dizer que venham para o Partido Republicano.

Ora o sr. José Luciano é velho e os velhos são casmurros. Não abandonam o sceptro. Detraz do sr. Vilhena, renunciarão os outros, e o sr. José Luciano, segundo a ordem natural das coisas, terá para por fazer a renuncia da vida.

N'este caso, a monarchia fica abandonada. O rei não terá outro remedio, senão pôr-lhe escriptos. Ficará a Monarchia para alugar.

Chegada a monarchia á situação de não ter servidores, ver-nos-hemos em face da renuncia do rei. O sr. D. Manoel renunciará.

E eis-nos cahidos na Republica, sem nenhum combate epico, sem qualquer barricada, sem um archote, como nós a sonharamos. Isto é o que ha de mais vergonhoso para o Partido Republicano.

Não! é preciso que elle faça a Republica, antes que a propria Monarchia a faça.

E. DE C.



## TYPORIOS

### Francisco «Penca» Beirão

*Nariz, nariz, nariz, eis a divisa  
D'um chico, rico chico, bem beirão,  
De quem ás vezes salva a situação,  
Levando ao povo uns restos da camisa...*

*Se d'um governo novo alguém precisa,  
E' incumbir-lhe a elle essa missão;  
Pra corretor tem dedo, o maganão,  
Servir bem o Bacôco eis a que visa!*

*Tem sido algo funesto a Portugal,  
(Como os filhos de Passos em geral!)  
Sôr Veiga polainudo e narigudo...*

*Ministro da estafada monarchia  
Para a manter de pé mais algum dia.  
Empenha o que nos resta, ou vende tudo!*

PICHIRINÉE.



## Sempre amigos

O presente d'annos do rei ao Bacôco foi o pennacho!  
Podia ter sido coisa peor.  
Um rosario, por exemplo.



As auctoridades de Pittsburgo (America) prohibiram a venda de cabellos postiços.

Ai rico pae do ceu!  
Quantas madamas carecas passeariam por essas ruas de Lisboa se cá fizessem o mesmo!



## Eterno "grossuras"

O Mattos está contentissimo com o ministerio novo.  
Diz elle que é um ministerio na ponta para matar o bicho...  
Tem lá o *Collares Branco!*



O correspondente de Bolama para o *Seculo* mostra-se muito ralado porque ardeu a igreja e não ha *funções* religiosas. (Textual)

Que pena!  
Lá ficou o grande pandego sem *funções* á *borliu*.

## IMPOSSIVEIS

O Bacôco deixar de ser o rei de Portugal.

—O Augusto Rato, reporter do *Mundo*, tirar a gravatinha encarnada.

—O senhor Silva Pinto escrever um artigo sem fallar no Murinello, Virtude & C.<sup>a</sup>

—O Normal deixar o seu estado *anormal*.

—O *inconfundivel* Urbano Rodrigues deixar de se parecer com a D. Rebolona.

—Haver dois criticos theatraes que comprehenderam as peças da Mimi Aguglia.

—Acabarem-se as obras da Sé de Lisboa.

—Terminar a discussão sobre o processo Leandro.

—Os nossos collegas dos *Ferros Curtos* publicarem a caricatura do actor Miguel Pereira.

—O John do *Paraiso* não ir por estes dias A *Toque de Caixa*... p'ró meio da rua.

—Acabar a lucta no Colyseu.  
—Haver actualmente revistas sem Sol.

—O João Gaspar deixar de imitar o Zé Ricardo.

—O Baptista Diniz levar no *Etoile*, Na *Panella*, a sua nova revista.

—Acabarem as averiguações sobre o regicidio.

—Os vendedores de *bugigangas* da travessa de S. Domingos não atordoarem os ouvidos da gente.



## LERIAS

Temos ministerio novo,  
E um anno novo tambem,  
Parabens ao luso povo,  
Que anda *cheio* como um ovo  
Cheio de... não ter vintem!

O ministerio *penculo*  
E' como os outros ratão,  
E o anno novo telhudo,  
Segue em tudo, tudo, tudo,  
As pisadas do Beirão.

Tudo é *novo*... anno e governo,  
Mais torto do que um chavelho,  
Mas p'lo systema moderno  
O que é novo é já eterno!...  
Formou-se de panno velho!

OSCAR.



Nunca mais, Vilhena, nunca mais!



## Parece incrível!

Quem te diria Vilhena, quando largáste os quatro contitos por anno, o que te havia de succeder!  
Que palerma, filho, que palerma!



Já dizem que é ingleza com toda a certeza.  
Elle é que não tem aquella certeza.  
Rima á tesa!



## Animatographo... vivo

O novo ministério encheu-nos as medidas.  
Cattita!  
Nunca vimos mais completo nem mais  
variadinho.

Vejam os:

**Presidencia** (sem ellas): um nariz de beirão *avantejado* com lingua para varios... esclarecimentos;

**Reinacão:** Felizberto Bons Dias da Costa, na *marinha* um heroe d'uma canna, successor d'essa pasta que é *posta* do tal Dom Wenceslau que é *Banana!*

**Injustiças:** Um Monte-Negro mais negro do que os pretos da Guiné. E' um monte d'azeviche;

**Fazendas** (modas e confecções): Col-lares Branco ex-fr nquista mas um vinho d'Íto lá com elle. Bom rapaz mas . . . muitissimo «branco» a respeito de ser ministro. Ali no Jardim do Tabaco é que é o seu lugar.

**Guerra** (em tempo de paz): o Mathias. Será *matias* o homem? . . . Ilustrissimo desconhecido.

**Morrinha** *Côtinho Naufragoso Azedo*. Se azeda naufraga com certeza e vae o barco ao fundo. E' naufragio certo.

**Estranja.** Vella Sá, como dirão os diplomatas em francez. Uma villa de um sr. Sá posta no becco do Lá vem um com uma falta de ideias extraordinaria.

**Obras.** Um medico muito distincto mas que não tem obra nenhuma *publica*.

Quando obra é para si proprio. Que lhe faça bom proveito.

Afinal, sete peccados mortaes um um appendice que não é de *in-penca* mas tem uma penca d'alto lá com ella.

Parabens as lusas gentes que estão bem govardas.

Largaram um Wenceslau,  
Todo cheio de obras bentas,  
E foram parar ás vendas  
D'um nariz descammunal,  
Vamos a ver o que surde  
E se a lusa gente amada  
Não diz:

—Tirei-me da . . . espada  
P'ra espetar-me no . . . punhal

O *Berimbau* como premio de consolação, nomeou-se conselheiro de Estado a que lhe dá o direito de entrar no Paço e fallar com o *radioso* sem avisos prévios e quando muito bem queira.

Querem ver que o *Berimbau* . . . gosta de comer goloseimas no Paço??

Por isso é que, talvez elle não conseguiu casar o *radioso*.

Não conseguiria ou *empataria*? . . .  
Lá tinha as suas razões porque acabavam-se as *petisqueiras* . . . reaes com a mudança de paladar.

Diz me *Berimbau*, meu velho,  
Se a pressa te não detem:  
Tu julgas que o teu conselho  
Poderá servir a alguém?

Se o julgas, conforme macho,  
Buscando a melhor das telhas  
Vae ter com o *sór* Baracho  
E vê lá se o aconselhas!

Os incomparaveis *cabulas* de Coimbra, mandaram pedir ao rei para as ferias começarem mais cedo, o que foi promptamente deferido.

Não tarda por ahí alguma manifestação *expontanea* da *briosa* Coimbra, como aquella de 24 de maio, com o contrapeso das ferias do Natal se prolongarem até ao dia 24 de dezembro de 1910.

Depois os *briosos* academicos monarchicos pedem nova concessão e os pobres paes . . . pucham pelos cordões á bolsa sem resultado algum.

Quem metter a os taes n'uma vaccaria a . . . servirem os freguezes!

Grandes *cabulas* que assim perdem a mocidade improficuamente!

Depois quando chega a epoca dos exames nem á Santa Empenhoca lhes vale.

Esses *taes* não são monarchicos  
Não sendo republicanos  
São uns *cabulas* maganos  
Que cantam o lindo fado,  
Sem ideias nem ideias  
Sem normas nem convicções.  
Vão dar tudo e . . . oito tostões  
P'la mandria d'um feriado!

Vamos abrir um concurso original, sem premios para não fazer mal aos nervos mas no entanto curioso.

Trata-se de fazer uma quadra que tenha quatro **a a e** oito **r r r** nem mais nem menos.  
A' unha rapaziada.

Vamos a isto rapazes,  
Porem não vão mandriando;  
Sejam finos e sagazes  
Mandem cartas p'ró

ORLANDO.



### Tres pessoas distinctas

Já repararam no reinadio do ministério.

O Beirão é o chefe.  
O Bacôco é que pensa.  
O Moreiinha é quem manda!



### Pobre Vilhena

Já temos ministério. E' p'ra dar graças!  
*Bacôco* resolveu-se finalmente  
A pôr na governança sete praças  
P'ra dar cabo do resto do existente!

P'ra Luciano, autor de mil trapações  
Vão honras e proventos, e elle contente  
Ao Alpoim de novo faz negações  
Matando o pae Vilhena lentamente!

Poeta e conselheiro, eu te lastimo!  
Nem sei, como co'a dôr ainda rimo . . .  
Confesso acompanhar a tua magual

Será p'ra ti enorme sacrificio . . .  
Só tens que resolver mudar d'officio!  
E o que está a calhar é verder's agua!

PICHIRINÉE.



### Oh da guarda

Os ovos estão a dezoito vintens e a cruzado a duzia.

E os pobres a verem o bago dos subsidios apanhar um ar . . .



Quem havia de dizer que havia de ser o Beirão o casamenteiro do rei?!



### Mote

Wenceslau Pinto Banana  
Fugiu . . . desapareceu.

GLOSA

Por não existir tisana  
P'ra curar a vida nova,  
Baixou ás fouces da cova  
Wenceslau Pinto Banana!  
A sorte triste, magana  
Do ministério o correu  
Nem *Bacôco* lhe valeu  
Em tão triste situação.  
E o pobre chorando . . . então  
Fugiu desapareceu.

SIMÃO TARAMELA.

## “Os Lusíadas”... para rir

XXXVI

Mas Pimentel, que Amélia sustentava  
E com ella sustentava a monarchia,  
Ou porque amôr á *tyra* inda o esquentava  
Ou porque a gente ladra o merecia,  
Num rico assento de ouro se assentava,  
Muito mais vil thalassa assim par'cia.  
E o pé de cabra ao collo pendurado  
Deitando para traz, medonho, irado:

XXXVII

A viseira sobre o olho. . . de diante,  
Alevantado tinha, bem seguro.  
Por dar seu parecer se pôz possante,  
A' frente do Bacôco, forte e duro,  
E dando um grande coice retumbante  
Em meio d'essas rainhas do Monturo,  
O chão tremeu e Bacôco atrapalhado  
Largou-se das muletas para o lado,

XXXVIII

E disse assim:—Bacôco, a cujo imperio  
Tudo aquillo obedece, que palmaste,  
Se esta gente, que busca,—caso serio!  
A massa que até tu já cubicaste,  
Não permittes que forme ministério,  
Por que de lá já a *massa* tu sugaste,  
Não oicas mais, pois és juiz direito,  
Esse Mattos borracho, que é suspeito.

(Continúa)

REI LUSO & VIU SE GREGI



### «A Rajada»

Verá a luz da publicidade no dia  
1 de janeiro uma revista litteraria e  
theatral com este titulo e que se propõe  
tratar a questão do theatro com  
imparcialidade e independência.

Publicar-se-há todos os sabbados  
ao preço de 30 réis.

A correspondencia deve ser enviada  
para a redacção e administração,  
rua da Atalaya, 73, 1.º.

Muitas prosperidades.



### Lyrismos de um nephelibata

Quando te vi ó joven pura e bella,  
Tinhas tu trinta e tantas primaveras,  
E as meias todas rotas á janella  
A enxugar já sujas: que chimeras!  
Quando te vi ó joven pura e bella  
E me deste por sorte muita trélla.

JULOR.



### SÓ ISSO

Falla-se n'um novo emprestimo.  
E o mau é fallar-se.

Nós só perguntamos!

Ha ainda alguma coisa que empenhar?

Só se forem . . . os legumes!!!



Muitissimas *perias* e muia falta de gallos.

O gallo rei . . . *nem uma*, como o galan do *Sonho da Walsa*.

Até agora . . . ainda não provou do petisco universal.



**NARIZ**

**SALVADOR**



D'esta vez servindo-se do lenço de cinco  
pontas, saíram-lhe logo sete.  
Seria influencia do tempo?



## OITO DIAS DE GALHOFA

As classicas e maçadoras  
«Boas Festas»—A preside-  
ncia do conselho na pen-  
ca do sr. Beirão—Os tres  
grandes «gestos» do sr. Vi-  
lhena—Resposta a tratam-  
tes sobre a «matriculada»  
Conceição—Desafio em for-  
ma.

Reverentes e respeitosos, como sempre, de bilhete de visita em punho cá vimos, leitor amigo, com a maçada do costume:

—Boas festas, felizes entradas d'este e saídas do outro em companhia da cara metade, petizes e sogra se a houver.

Diremos, todavia, com toda a franqueza, que não gostamos desta costumeira das boas-festas, porque entendemos, que além de ser uma enormissima maçada é uma grandissima exploração.

Pois, qual é o fim do marçano da tenda, do leiteiro, do distribuidor dos jornaes, do guarda noturno, do carreiro, ao virem com a *sincera* amabilidade?

E' o desejo de que passemos os dias festivos, sem desgostos, nem tristezas, desejo que natural e logicamente seria provocado pelo convívio diario com quasi todas essas pessoas? Não, caro leitor!

O fundamento, a hypocrisia, a exploração está em que essas *amáveis* creaturas, o que pretendem é vender a delicadeza, mercadejar a cortezia.

Nós damos um perú verdadeiro, d'aquelles mais anafados e appetitosos a quem nos disser, que nenhuma das personagens acima citadas ficou na escada á espera da recompensa, á qual elles chamam ironicamente—*a resposta do bilhete*.

Guerra aberta ás «Boas-Festas»! Cortamos o que escrevemos ao principio, já não damos as boas-festas ao leitor, mas, como o marçano, guarda-nocturno etc. cá esperamos pela gorgeta respectiva.

Saltem immensos perús, porque *perús* já temos tudo bastantes e garrafinhas do fino.

E muitos *mercis*... desde já.

\*

Após dois ou tres dias de consultas varias, de conferencias diversas, el rei D. Manuel II, ou o diabo por elle, dignou-se chamar aos altos bancos do poder o senhor Francisco Penca Beirão, grande em coisas de leis e enorme... no nariz.

Formando um ministerio retintamente progressista o sr. Penca teve o bom senso do não collocar na fazenda o sr. Eduardo Villaça que era quem abichava a pasta, con o se dizia.

Pois não era mangar demasiadamente com a tropa, se tal se fizesse? Adjante.

Não fallemos em coisas *melindrosas* e vejamos a consequencia maior da crise: a renuncia do sr. Vilhena

ao lugar de chefe do partido regenerador.

Foi um grande *gesto* — perdoemos o gallicismo.

Não ha duvida que o sr. Julio Poeta subiu mais um furo na craveira, como de resto já tinha subido por occasião dos seus outros dois grandes gestos: o pedido de demissão do cargo de governador do Banco de Portugal, em que demonstrou que *d'elle havia de ser o reino dos céus* e a proclamação da prophacia de que a dictadura franquista havia de acabar por uma revolução ou por um crime.

Nós, com franqueza o declaramos se fossemos Vilhena não sahiámos do Banco.

A vida não se fez para parvos.

E agora torça as orelhas, seu poeta, a ver se deitam uma pinga de sangue.

A serio:

Uns garotos, que não servem para fazer aquillo que os rapazes fazem até aos 14 annos, andaram a distribuir no domingo passado um manifesto da *suciedade Juventude Catholica da Trama*, em que cobarde e traiçoeiramente alvejavam os jornalistas que haviam atacado nos seus artigos — serios ou humoristicos—a Conceição, que a despeito de **tudo** continuamos e continuaremos a chamar a *matriculada*.

Deu causa principalmente á insidia torpe e asquerosa o bello e engraçado soneto do nosso querido amigo e camarada de redacção J. Dumont (Orlando), publicado na *Demolição* e transcripto no *Pedro Nunes*, de Alcaçer do Sal, os formidaveis artigos de combate dos jornaes democraticos, principalmente o de Thomaz da Fonseca no *Mundo* e o que tambem escrevemos n'esta secção, a respeito da sobredita *Conceição matriculada*, que os masmarros chamam virgem depois de ter **parido**.

O manifesto é uma provocação cobarde como acima dissémos, porque apesar de ser gravemente offensivo da dignidade de todos nós, que combatemos o despotismo clerical, **não vem assignado**

Não apparece nenhum pulha, que queira tomar a responsabilidade das sandices publicadas?

Não ha ninguém que queira tomar a peito, desassombadamente as infamias da tal *Juventude*?

Pois então todos vós sois uns cobardes declarados, uns refinados trantantes, *sem honra nem vergonha*.

E que se acautelem, que se não repita a scena, porque aqui o declaramos publicamente:—a primeira vez que a canalha nos rosnar ás pernas apanha o correctivo devido, indo todos nós, que trabalhamos n'este semanario, ao *Portugal* ou á tal *Juventude* esmurrar o focinho da quadrilha.

Entenderam os biltres?  
Perceberam os patifes?  
Fica entendido.

ALBERTO BARBOSA.  
(Rei Luso).

## Acrosticos

V eiga nariz já furioso  
E á brocha com o penacho,  
N da grita que diacho,  
G rande Deus todo pod'roso,  
A ccudi-me ao *barbicacho*!

B acóbo pica-me o *béque*  
B eími tros quer que invente,  
I nda que eu leve algum chéque;  
R aios o partam: — estou doente.  
A j filhos dêem-me um *espéque*  
O u senão .. façam-lhe frente.

SIMÃO TARAMELA.



Diz o *Mundo* que n'um sol e dó franquista da Rua do Infante D. Henrique o grandioso auditorio era composto na sua maioria de... policias.

Cedo morrerá quem não encontrar o Bandalho, Reymão e outros na rusga ás borboletas.

O *Xuão* esse... vae para a vaga do Fagulha.



Esta coisa de chamarem ao sr. Beirão, presidente sem pasta não faz lembrar as iscas?

Com ellas, ou sem ellas!



Agora sim!

Agora é que a gente arranjou um ministerio todo senhor do seu nariz!...



## Conselhos d'um parvo

Se no jogo gastar's alguns vintens,  
Ficas com muito menos do que tens.

Foge tu das mulher's que são beatas,  
Pois d'um bom par de... rosas te precatas.

Nunca troques dinheiro, é um precalso  
Podes trocar o bom pelo que é falso.

Em ministros não creias, é melhor,  
Pois sempre um é peor do que o peor.

Mulher que logo acceita quem a segue  
Tem o seu quê por onde se lhe pegue

TANSO



## Na rua

—Vae ali um regicida.

—Pum!

—Outro.

—Olhem, levem lá mais este.



Consta que deve chegar brevemente a Lisboa uma *collecção de araras azues e brancas* destinadas ao *Diario de Noticias*.

E' nova remessa, porque se exgotou n'um apice a que veiu para o *incolor* que agora está tendo muitas e variadas *córes*.

Que cheguem bem acondicionadas para não haver a *raia* do costume.



Sór Redaitor:

XVII

Senhor do seu nariz...

A cá ma ten oitra vèz óspois da curado das maleitas com ca tenho istado e ca sagundo dice o sór doitor Eduardo da Costa, da caridade dos hospitaes de S. José da confraria do Chico sacrestão cá do logar, o ca ê tye foi uma illuzão da cardina, a mal uma brinquite assomathica, ca é uma coisa cá faz tossir a gente munto e ca fica crólica.

Pois sa inté o Freitas prior istava a arre-melgar o olho p'ra tratar do interro,

Mal vae o Semões o c zaca d'elle ca veu a ser o vinhatero mais endenhêrado cá do logar, o Guedes lavradoire de caens, o Lima das catorze, o sór Almeida juiz, a mal o Alexandre aistrologo p'ro ca anda sempre a olhar p'ós ástros, e tales couzas p'ro mim fizeram ca ê iscapê, e cá me ten oitra vez.

Mal vamos a pulitegal Já sê ca caiu o ma-leristerio do sór. venesberimbau.

Aquilo foi com os temporaes ca ten haí-vidol

A cá no logar foi medonho, muros caídos p'ra baixo, arvores arrancadas p'ra cima; Pois sa inté a Páca Ispanhola ca ven a ser a mulher do Alexandre ferrador cá do logar, (o tal astrologo) fecou toda iscomposta p'ro ca o vento alevantoule as saias inté por riba da sua barriga d'ella; veja lá vomecê!

E desta vez vim só e fize munto ben, as estradas parecem rios; ê vim a cavallo na burra da minha cachopa e a provinha veio toda a noite ca a inxurrada a darle p'los pêtos.

Ao fazer d'esta p'ra vomecê istome a pôr no inxuto, e amanhã ahi vou p'ra vêr sa vomecê me pode arranjar p'ra ê vêr a abertura das côrtes da parte de dentro, pois quero conhecer os novos milistros e oiyir o dis-curso da corôa, p'ro ca nunca oiyi uma corôa fallar.

Sagundo ma dice o sór rigidoire, o milistro ca amanhou o milisterio, diz ca ten um nariz que té faz incrívelê com elle póde ca quillo.

Mal ê ca sou munto isprerto; botei logu este fêtuero.

Um melisterio novo em janeiro... E' senal de pouco denhêro?! Diz o sór re-daitor!

Põe nan é!!! O mê fêtuero; é ca um melisterio óspois de começaren os bailes de mascarados com uma penca á frente, parece uma cêgada.

E o ca diz o sór redaitor da minha intelli-gencia da fêturação dos miollos de dentro da testa?!

Poe justamente p'ra vêr a tal cêgada, é ca ê ma montê na burra da minha rapariga, e mêmoo com o mau tempo abalamos os dois, traque, traque, traque, traque, p'ra vomecê mas amstrar; e cá ma ten na cedade.

A minha cachopa ven p'ra viage p'ra ca ten ca trazer roupa aos fregueze, e o ca ella ten en mais responsabellidade é uma duzia de camizas de mãe dum tal sór Cupido, ca diz, ella ca é tam bonito moço, que é a dis-gracia das raparigas da cedade.

E cá p'ra mim entendo ca é mal é um grande patife.

Tantô ca antes dê me vir p'ra baixo dice assim á minha cachopa.

Leva esta e nan queiras oitra; ca ê nan precizo dcssa roupa cá en caza.

Assim ca ella chegue e ca entregue a rou-pa já nen a largo e ê cavemos de ir aos bai-les e hê de aprender as pólicas e as mizur-cas, os pares de quatro, os cutilhões e todas as piruetas dos casacas.

Acête solidades da cachopa e arrecêba um abraço da quem é sê amigo

MANEL CÉGUINHO.

Oliveirinha da Ronha, 24-12-909.

N'uma campá

Dorme aqui na terra fria Dona Margarida Osorio, Que morreu inda outro dia Agarrada a São Gregorio.

ZÉ ILHEU.

Cahiu o Wenceslau, grande banana, De ventas á torneira foi parar, E a fama que deixou a governar Passará inda além da Taprobana...

Um chefe se buscou com furia insana E estando muito tempo a matutar Logo o senhor Beirão foram buscar P'ra reger a fanfarrá lusitana...

Vamos ter um governo liberal Que vai tornar ditoso Portugal, Ao presente a nação mais infeliz...

Depois se virmos têsô o D. Beirão, Dizemos todos nós e com razão, Que é um chefe... senhor do seu nariz!...

REI LUSO.



As leis... de funil

Foi transferido da repartição de fazenda de Torres Vedras para a de Evora, como castigo, um antigo aspirante d'aquella repartição, pelo facto de accumular com o seu emprego, contra o que preceitua a lei, um logar na camara municipal da mesma villa.

Mas o Teixeira Gazoso accumula o logar de director geral das alfândegas com o de director do Banco Nacional Ultramarino, e ainda nem sequer foi admoestado quanto mais punidol...

E não querem crêr que as leis no nosso paiz são feitas para os pequenos!

Venham mais descontos, venham mais, que é o que nós queremos!

O Pitadas, a meu vêr, Que não é gajo, é... gajó!... Fez intriga a mais não ser P'ro aspirante não ter Dois empregos n'um pé só.

Como na terra é senhor, Só se faz o que elle diz: —Ou se tem coisa a primor, Ou báu báu, sr. Doutor, Corta-me o mal p'la raiz.

Mas póde ser que ao rafeiro. (Visto ser esse o seu fraco) Lhe saía o gado mosqueiro! E depois... c'um marmeleiro... Apanhe p'ro seu tabaco...



Ora a Patricia!! Quem havia de dizer que era a Patricia!!



Iribus

Um tal Alberto empregado na mor-gue vendia a um barbeiro da baixa as tranças de cabelo das desgraçadas que lhe cahiam nas unhas.

Ao pé de Judas, que vendeu Chris-to este é muito mais canalha, pois não é?...



Em que dia fazem a revolução ó srs. blóquistas?



Já se descobriram dez mil cento e vinte e quatro e meio regicidas, na opinião do Portugal.

O sr. juiz d'instrucção tem-se vis-to grego com tanta gente que matou, feriu e assassinou.

Boas festas leitores e leitoras e que o an-no de 1910 vós endreite a vida que está mais torta do que um arcocho.

Com um tempo d'estes de chuvas, innun-dações, trovoadas e o diabo a quatro pucha-do a oito nada era peor que qualquer pes-soa estar encravada.

Nós estamol-o no maximo superlativo. Adeante!

Agora perguntará o leitor: —O que tenho eu com isso?

A resposta é facil: —Tem muito, porque para o informar devidamente nas theatradas, tenho de gastar dinheiro e quando mal me precatou vae ceia ás vezes com acompanhamento... amavel.

O leitor não tem a culpa directa, mas ha muita cousa n'este mundo que se faz sem querer e indirectamente.

Ha noutes fomos a D. Maria ver o Marido Ideal a bella peça de Oscar Wilde que retira em breve de scena para se representar o drama As Pupillas do sr. Reitor, peça extrahida do conhecido romance de Julio Diniz.

A' entrada da plateia, uma dama baixinha e gordalhuda veiu cumprimentar-nos riso-nha e amavelmente, sem nós a conhecer-mos.

—V. Ex.<sup>a</sup> é... se bem nos recorda... dissemos, para saber quem ella era.

—O cavalheiro! Uma assidua frequenta-dora do

D. Amelia onde a companhia portu-gueza continua representando a bella peça Samsão emquanto se não realisa a première do Canto do Cysne que está em ensaio.

—V. Ex.<sup>a</sup> está bem informada.

—Pudera. Eu vou a todos os theatros. Quer que diga ao cavalheiro o que ha de no-vidade?

—Se fôr tão amavel... —Pois então lá vae sem mais delongas:

Gymnasio A mulher electrica alter-nando com as outras comedias do hilarante repertorio.

Trindade O Sonho de Valsa uma opera comica com linda musica de Strauss magnificamente desempenhada.

Avenida Sol e dô revista de truz que se apaga a luz...

—A madama tambem tem ido á revista?

—Gosto muito de pladinhas frescas e por isso tambem vou ás vezes á

R. dos Condes, onde o Fado e Maxixe está dando um resultadão muito merecido.

—Então tambem V. Ex.<sup>a</sup> foi ao Paraiso de Lisboa na rua da

Palma onde teem ido as Hastes Limpas que agora vão ser substituidas pela nova revista A toque de cixa que nos dizem s'r boa.

—Pois cavalheiro, saiba que fui lá uma vez e gostei das Hastes Limpas com o quadro novo «Os filhos da... lucta. Por signal que na noute seguinte fui ao

Principe Real ver a Josette. Os dramas são o meu fraco mais ferte!

—E V. Ex.<sup>a</sup> gosta da lucta no Coliseu dos Recreios com o

Deriaz, o Schakmann; o Raku e outros?

—Perdõe o senhor, mas ver gente a bater-se faz-me cheliques, tremeliques e arrebi-ques.

—Não se assuste V. Ex.<sup>a</sup>. Entre mortos e feridos sempre escapam todos. E a respeito de salões e animatographos?

—O cavalheiro quer saber muito... mas eu faço-lhe uma amostra do meu conheci-mento. Oiça:

Salão Foz, Chiado Terras-se, Salão Avenida, Salão Phantastico, Salão Rocio, Salão Italia e etc., etc., etc.

—Pois minha senhora, respondemos, a campanha já está a tocar e...

—Venha para o pé de mim.

—O quê?? Deixa?!!

—Eu deixo tudo que o cavalheiro quizer!

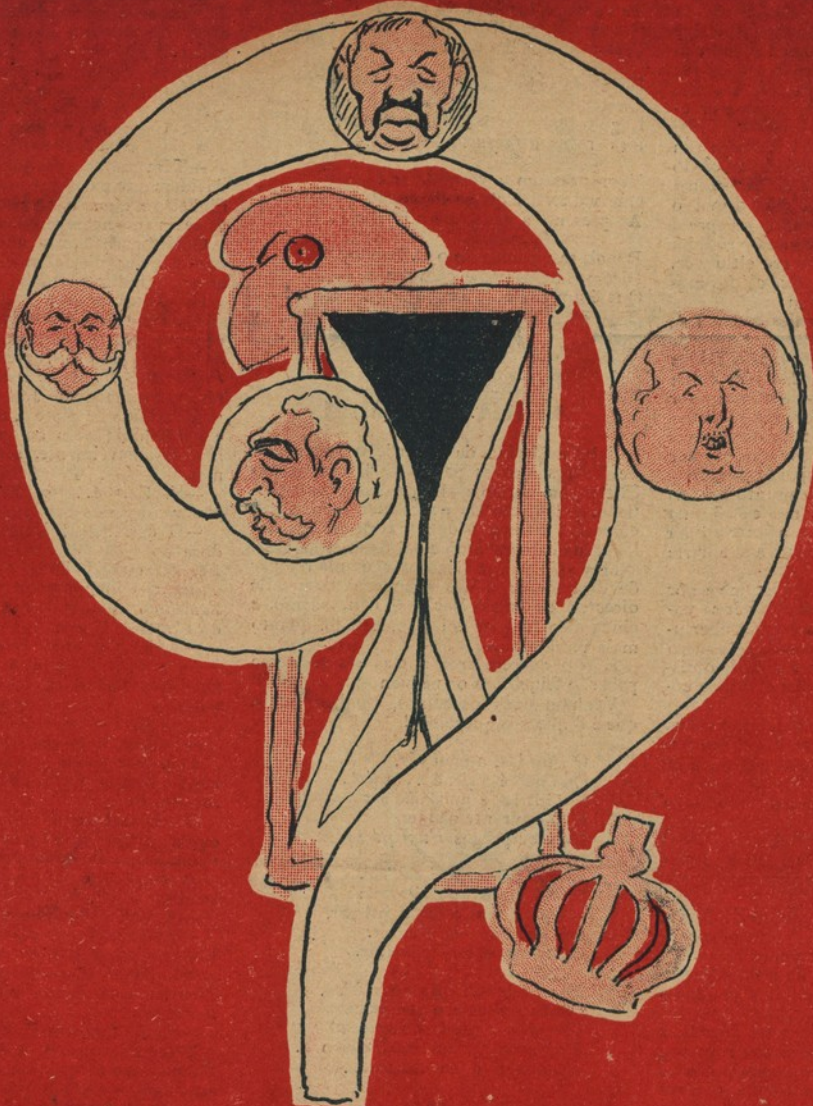
..... Sentámo-nos.

Ceiamos e... gastámos cinco mil e tanto. Nós está bem claro. Ella nem vintem.

Veja o leitor como tem culpa.

SECRETARIO.





Silva Chaves